

CAPÍTULO 2

Pedagogias de afeto: histórias de aprendizagem contadas com as mãos enfiadas na terra

Lígia Helena de Almeida

CENA 1 OU CENA ÚNICA: EU ERA UMA CRIANÇA BONITA

palco de um teatro qualquer, duas cadeiras viradas de frente uma para a outra, o menino sentado em uma, um homem sentado na outra. na beira do pé da cadeira do menino está uma pequena lousa infantil verde escrita em giz branco: [sozinhas elas criaram aquilo que você nem se propôs a ver].

o homem é, na verdade, um boneco destes de exposição de roupas em lojas, mantém uma expressão inalterável de um sorriso plástico, os olhos não se movem. o menino é magro, pequeno, fala baixo, parece ter medo do tom da própria voz e do movimento que ela pode causar no espaço. ambos são negros.

o menino: me diga de onde você é.

o homem: *silêncio*

o menino: me diga o que você faz.

o homem: *silêncio*

o menino: me diga com quem você vive.

o homem: *silêncio*

o menino: me diga que marcas seu corpo tem.

o homem: *silêncio*

o menino: me diga algo.

o homem: *silêncio*

o menino: qual é a tua voz?

o homem: ...

o menino se levanta, caminha até as costas da própria cadeira, ficando de costas também para o homem, senta-se no chão.

off de vozeril: Onde está seu pai? Quem é seu pai? Você se parece com seu pai? Diga-me. Onde está seu pai? Quem é seu pai? Você se parece com seu pai? Quem é seu pai? (*o menino leva as mãos às orelhas, força os dedos nos buracos dos ouvidos, empurra!*) Quem é você? Quem é você? Quem é você?

o menino chora, não há som em seu choro, são apenas lágrimas que escorrem de seus olhos, feito cachoeira, feito catarata, águas profundas que se desatam de seu globo ocular sem que o menino expresse nenhum sentimento de ódio ou dor, elas são dele, mas estão além dele, são águas de muitos meninos e muitas meninas que estão sentados diariamente diante de um homem que não se move.

a água escorre e vai formando debaixo do corpo pequeno e leve do menino um rio, colo de Oxum, a água vai corroendo a madeira velha do palco, a madeira se rompe e o menino afunda no rio, queda livre nos braços da mãe d'água. primeiro um desespero por não saber, não saber entregar o corpo ao fluxo do rio, não conseguir puxar o corpo para cima, voltar para a superfície, pensa que talvez, vendo aquilo, o homem se levante, o homem venha até o rio que se formou por detrás da cadeira, o homem estenda a mão dentro do buraco/rio, talvez até que o homem mergulhe para salvá-lo. (silêncio). depois a percepção de que pode estar ali, corpo submerso, de que pode mover-se e se movendo seguir o fluxo, de que não lhe falta ar. já mais tranquilo os pés alcançam o chão e ele agora caminha no fundo do rio.

no fim de onde o olhar alcança o menino vê uma criança. uma criança negra de corpo robusto e cabelos em cachos que dão muitas voltas em um preto forte, os olhos grandes, brilhosos e curiosos. há uma luz leve e clara em volta dela. sem pensar e por impulso caminha até ela.

O menino: oi.

a criança brincando com pequenas pedras: oi.

o menino *encantado com a beleza da criança*: me diga de onde você é.

a criança: eu sou daqui, do fundo desse rio, do ventre de oxum.

o menino: me diga o que você faz.

a criança: eu brinco.

o menino: me diga com quem você vive.

a criança: com minhas mães. a mãe que é mãe, a mãe que é avó, a mãe que é irmã, a mãe que é sobrinha.

o menino: me diga que marcas seu corpo tem.

a criança: é só você olhar.

o menino tenta chegar mais perto para ver.

a criança: não! não em mim, em você.

o menino: eu tenho muitas.

a criança: eu sei, eu tava lá.

o menino: tava?

a criança: eu sempre estou.

o menino: mas eu... não faz sentido.

a criança: o quê?

o menino: você é uma criança bonita.

a criança: sim.

o menino: eu não sou um menino bonito.

a criança vai até ele, pega sua mão direita e direciona a palma na direção de seu rosto, o menino vê nas palmas de sua própria mão seu reflexo, mas aos poucos, sua imagem se transforma na imagem da criança. ele entende. as águas, que ainda corriam de seus olhos, cessam, o rio começa a baixar. a criança se despede sorrindo, vai fluir com as águas.

o menino faz o caminho de volta e enquanto caminha ganha altura, musculatura, os cabelos se trançam em fios amarelos, o centro do peito se projeta pra frente. o rio seca e o menino, que agora é o moço, está de novo no palco, cadeiras, está diante do homem que não se moveu.

ele empurra a própria cadeira, abre espaço, dança, uma dança firme, de gestos fortes, de um corpo inteiro, ele dança para o homem, apesar do homem, para além do homem, o olho brilha arregalado da direção do homem, ele dança e sua dança diz:

“EU POSSO EQUILIBRAR MEU PRÓPRIO CORPO, EU POSSO CAMINHAR POR MIM, EU POSSO SER MINHA PRÓPRIA BÚSSOLA, EU NÃO PRECISO SABER DE ONDE VOCÊ VEM, COM QUEM VOCÊ VIVE, NEM QUAIS SÃO AS MARCAS DO SEU CORPO, EU NÃO PRECISO SABER QUEM VOCÊ É, PORQUE EU SEI QUEM SOU EU E EU SOU UMA CRIANÇA BONITA!”

a dança termina, o moço sai, o homem, que na verdade é um boneco, cai no chão, e como qualquer boneco, não se levanta nunca mais.

a dança: <https://youtu.be/NKpAtzqQMq8>

[COMO] ESCREVO QUANDO ESCREVO COM AS ADOLESCÊNCIAS

Meu nome, como indica a abertura deste artigo, é Lígia Helena de Almeida. Lígia me foi dado por minha mãe por afeto à música de Tom Jobim e à autora Lygia Fagundes Telles – não herdei o “y” talvez por minha mãe ter entendido que ele dificultaria minha vida escolar. Helena é o nome de minha avó materna, uma senhora nascida no interior paulista, que nunca teve facilidade em manifestar afeto pelo corpo, mas o fazia pelas comidas, canja de galinha, bolinho de chuva nos dias mais lentos, lasanha e pimentão recheado nos domingos em família.

Daqui, desta escrita, tenho 40 anos. Me acostumo aos poucos com essa nova década; nasci, cresci, vivo e tenho trabalhado em Santo André, cidade para a qual migrou a família de meu pai, vinda de Canhotinho, Pernambuco, depois de uma longa parada em Cafeara, Paraná. Nasci, cresci, vivo e crio meu filho, hoje com 10 anos, no mesmo quintal da casa no Parque João Ramalho – periferia da cidade – em que já moraram tios, tias, minha avó e avô paternos, meus pais, e agora só moramos nós.

Me tornei, ou me reconheci como pesquisadora, há pouco tempo, depois mesmo do ato de aprovação de meu projeto no Programa de Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (ProMuSPP-Each). Me reconheci pesquisadora no ato e no processo mesmo de pesquisar, buscando compreender quem eu sou enquanto pesquiso, buscando compreender por que pesquiso.

Sou atriz desde os 11 anos – considerando aqui a importância do teatro na infância e na adolescência e reconhecendo que, profissionalizantes ou não, minhas experiências de teatro desde o início interferem na minha leitura de mundo hoje –, e sou arte-educadora desde os 22 anos. Desde 2012 me dedico a programas públicos de descentralização da cultura por meio de ações culturais da chamada educação não formal por meio da linguagem teatral. Tenho trabalhado principalmente com adolescentes na faixa dos 14 aos 19 anos.

O desenho da minha pesquisa nasce da experiência vivida do encontro com esses e essas adolescentes e do desejo de contar – como uma contadora de histórias que conta tocando o fio das imagens visíveis e invisíveis – aquilo que se testemunha, se estabelece ao acessar estes e estas adolescentes por meio do vínculo que o teatro nos permite promover.

Antes de pesquisar, precisei encontrar o [como] de minha pesquisa – [como] em colcheias porque envolto da relação com quem eu sou, minha classe, meu gênero, minha cor, minha maternidade, meu território, minha trajetória, a universidade em que estou e as pessoas que encontro nela, quem me lê, entrelaçados do modo como experiencio a vida e o meu estar no mundo. [Como] penso? [Como] faço escolhas?

[Como] crio flexões e reflexões entre quem sou e quem são meus aprendizes quando nos encontramos?

Como eu penso quando me proponho a rememorar um processo ou experiência que vivi? Como eu penso? Como dizem para eu pensar? Rompo ou aceito? E quando penso, observo e descrevo um processo artístico ou pedagógico que estou (vi)vendo, como descrevo e escrevo? Atuo na escrita? Permito erigir uma escrita atuada, performática? ou atuo conforme as regras de escrita do tipo: nunca em primeira pessoa, seja impessoal!

Pensando desses modos, o que é possível? Ver? Enxergar? Compreender? Analisar? Narrar? Sintetizar? Repare: o verbo vem depois: a ação é consequência...objetivo da ação é consequência do pensamento. Mas e o pensamento? Muitas vezes vem depois da imersão, da vida, da experiência corporificada, vivida ou encarnada. Sabemos disso. Sabemos? (Velardi, 2018, p. 48).

Reconhecer quem eu seria na pesquisa se pudesse ser eu mesma considerando, inclusive, que meu principal objetivo em sala de aula – mais que o ensino da linguagem teatral como técnica – é permitir que aprendizes se reconheçam em suas identidades, seus territórios, que reconheçam a estrutura política e social em que estão sociabilizados e o quanto essas mesmas estruturas alteram suas relações pessoais e suas trajetórias.

Se a eles peço que não deixem de ser eles, por que deveria eu deixar de ser eu para fazer esta pesquisa?

Como atriz, penso poeticamente, gosto da metáfora, gosto da imagem que se traça no invisível e toca o centro do peito, gosto que você, ao me ler, acesse seus sentimentos outros que não apenas o da razão. Gosto que você saiba que você é você e que eu sou eu, que possa sentir sua existência e reconhecer a minha enquanto me lê.

A narrativa que abriu este texto, “Eu era uma criança bonita”, é uma cena escrita a partir de minha relação com um dos alunos que fazem parte da experiência artístico-pedagógica que escolhi como recorte para minha pesquisa: o programa Territórios de Cultura da Secretaria Municipal de Cultura de Santo André e minha atuação dos anos de 2017 a 2019 no CEU das Artes Jardim Marek, no bairro de mesmo nome.

Os dados de minha pesquisa são traçados pelos anos em que convivi com esses adolescentes e por algumas rodas de conversas feitas no contexto da pesquisa em si com esses mesmos adolescentes, já mais velhos, divididos em pequenos grupos. Para o primeiro, a criação de um vínculo estruturado ao longo de um processo que

envolveu aulas de teatro, apresentações em diversos contextos e lugares, inclusive no exterior em um Festival de Teatro Adolescente na Argentina, e a construção de uma amizade ao longo dos anos, mesmo depois que deixamos de nos relacionar no contexto de professora e alunos. Para o segundo, as rodas, um encontro que retomou alguns procedimentos das aulas conduzidas anos antes e as imagens de registro dessa trajetória como provocadores do diálogo e da retomada de memórias.

No caso específico da pessoa narrada na dramaturgia, Dofitziet Risol da Silva, hoje com 24 anos, há uma trajetória por políticas públicas que partilhamos – um antes e um depois do recorte de tempo da pesquisa: antes de ser alune no CEU das Artes Jardim Marek, foi alune em um projeto independente do meu coletivo teatral, quando ocupamos, por meio de um programa de fomento municipal, por um ano, a escola em que ele cursava o terceiro ano do ensino médio; no ano seguinte procurou minhas aulas no Jardim Marek e também a Escola Livre de Teatro (também um programa público de formação e cultura de Santo André criado em 1990). Em 2020, ingressou no Núcleo de Formação de Atores e Atrizes dessa Escola, tendo se formado como ator no início de 2024 e ingressado no mesmo ano na Graduação em Dança da Unicamp.

Além de nos encontrarmos em sala de aula, e além de nos encontrarmos pelos corredores da Escola Livre, éramos vizinhos de bairro – o território nos constrói –, íamos e vínhamos juntas para os lugares. No trajeto – a trajetória se constrói – dividíamos intimidades, falávamos das nossas relações afetivas, desabafávamos, dividíamos cones de chocolate com Nutella, ele lia os textos e letras de música que tinha escrito para a aula que iria fazer logo mais; já em casa, me mandava links com músicas que eu “tenho que ouvir!”.

Durante a roda de conversa em que Dofi esteve veio o relato:

[...] em lugares que eu tenho minha voz, na verdade eu tenho minha voz, nessa questão de me impor, principalmente, e que isso é uma coisa que até hoje em dia me bate, porque eu sou uma pessoa introspectiva e eu tenho que saber lidar com isso, em relações pessoais, ou grupos e coletivos, e que isso mexe comigo até hoje, eu tenho que saber lidar, que eu tenho que ver meus meios, ver meus lugares, e me conhecer mais, a cada momento, e que eu sou foda pra caralho, que eu sou grande, mesmo não percebendo as vezes, e nossa, eu senti falta de uma coisa muito foda assim, que eu em casa estava vendo uma foto minha, e vi uma foto de criança, e tipo, eu era lindo pra caralho, tipo criança mesmo, e eu não me via isso, eu não me via dessa forma, o meio, principalmente a ELT, mas o meio artístico no geral me fez entender que eu sou bonito, que eu

tenho autoestima, que eu sou desejável também, não só sexual. E que eu sou bonito e que eu era uma criança bonita pra caralho, e que um monte de gente escrota fez eu pensar que não, por eu ser preto sabe, foda.

Ao escrever esta dramaturgia/cena/poesia/imagem escrevo *com*, *com* Dofi, *com* nossa trajetória, *com* aquilo que vi, ouvi, testemunhei. As imagens, os gestos, as palavras nascem desse *com*. Mas também *com* outros alunos, alunas, alunes com os quais me encontrei e que, por serem adolescentes periféricos e periféricas, passam por trajetórias muito semelhantes às dele. Ao deslocar os dados desta pesquisa para uma escrita poética, crio uma narrativa sobre adolescentes que vivenciam a arte e reconhecem nela um caminho possível para a afirmação de si no mundo, crio o diálogo afetivo com quem sou e com [como] penso a partir de quem sou.

Sou atriz, sou educadora, sou escritora, me tornei, aqui, pesquisadora. Audre Lorde, em seu texto “A poeta como professora – a humana como poeta – a professora como humana” (Lorde, 2020, p. 103), diz que “todo poema é, além de tudo, uma ferramenta de aprendizagem” e que “todo escritor é, por definição, um professor”. Penso: e se todo professor fosse, por definição, um escritor? Que poemas teríamos? Que livros teríamos? Que tantas histórias das tantas e tantas salas de aula que abrem suas portas rangendo depois do sinal estrondoso? E das oficinas, cursos, formações de teatro – das artes todas? As gentes estão todas por aí, sempre a aprender. Onde estão os diários desses professores, não os burocráticos, anais, mas os que contam dos sentimentos, dos medos, dos encontros, das descobertas, das subjetividades, de como aprende um professor quando encontra um aluno, que, pela existência, o ensina?

Existe algo a ser aprendido ao compartilhar um sentimento verdadeiro entre duas ou mais pessoas; comunicar é ensinar – tocar – realmente tocar outro ser humano é ensinar – escrever poemas de verdade é ensinar – cavar boas trincheiras é ensinar – viver é ensinar (Lorde, 2020, p. 104).

Por um tempo, ao pensar nas formas possíveis para uma pesquisa acadêmica, eu me perguntava: pode a pesquisa acadêmica ser poesia? Pode a pesquisa acadêmica conter ficção? Pode a pesquisa acadêmica ser um conto fantástico? Hoje eu acredito que as formas de escrita podem ser muitas, podem ser todas, mas devem agir em coerência com quem sou, com como penso. Caminhar na pesquisa não apartada de como penso como educadora, de como penso como atriz, como penso escritora, mas criando um elo entre, numa espiral que intersecciona todos esses [como]. Uma escrita que faz parte da minha história, da minha trajetória de aprendizado entre a

educanda e a educadora que sou com os educandos e educandas que encontro. Tem corpo, tem experiência do vivido, tem afeto.

Nunca um acontecimento, um fato, um feito, um gesto de raiva ou de amor, um poema, uma tela, uma canção, um livro têm por trás de si uma única razão. Um acontecimento, um fato, um feito, uma canção, um gesto, um poema, um livro, se acham sempre envolvidos em densas tramas, tocados por múltiplas razões de ser de que algumas estão mais próximas do ocorrido ou do criado, de que outras são mais visíveis enquanto razão de ser. Por isso é que a mim me interessou sempre muito mais a compreensão do processo em que e como as coisas se dão do que o produto em si (Freire, 1992, p. 25).

EPÍLOGO: ESCRREVENDO COM AS MÃOS SUJAS DE TERRA

Escrevo porque em mim há um rasgo, porque vivi violências e só quando escrevo, sobre elas, sem elas, para além delas, é que as reconheço, escrevo porque em mim há um impulso que me lança no mar, o mesmo que insiste minhas mãos enfiadas na terra, cavando, buscando raiz e vida, buscando plantio, um impulso que me diz que algo precisa sair, algo precisa morrer, algo precisa nascer.

Hoje mesmo precisei enfiar as mãos na terra, sentir a terra dentro das unhas, cavar com os dedos, puxar o bicho que sai de dentro dela, arrancar as sujeiras lançadas pelos homens. Essa terra era de minha avó. Era o pouco pedaço de vida que ela trouxe consigo. Minhas tias também são assim, alguns tios. Vieram pra cidade, mas precisam de um tanto de terra e mato pra cuidar, feito bicho precisa de água, feito homem precisa do corpo do outro homem, feito eu preciso da escrita.

Ver vida nascendo, folha, fruta, comida, alimento. Encantamento.

Foi mesmo porque tiramos ela de perto do mato que ela foi ficando pequenininha, miúda, os ossos esfarelando, a mente faltando. Foi porque nunca mais botou a mão na terra que ela, minha avó, morreu.

Meu corpo tem dia que, parece, quer conversar com ela, minha avó e eu parece que aprendo força e movimento que não tenho. Pego a enxada na mão e cavuco a terra até achar vida. Terra seca, cheia de pedra, pedregulho, pedaço de concreto que homem passou por aqui e lascou em cima do que era planta, do que era árvore. Mas sempre tem vida no meio. Bicho, rasteja, come terra. Sempre tem vida no meio. Raiz. Então eu junto com a minha vida, muda, pedaço de mim, e tem vez que brota. Brota em verde vivo e eu penso que é a resposta dela pra nossa conversa, ela, minha avó.

Palavra quando salta de mim é feito vida que nasce da terra seca, feito resposta da minha avó dada pelo movimento das minhas mãos, meu corpo desenhando em letra

coisa que ela quem disse, disse hoje, oração, disse ontem, grito, disse muito antes de tudo, canção.

Hoje eu enfiei a mão na terra, demora sair vida, mas saiu palavra, às vezes é assim, demora, mas quando vem jorra, transbordo, sentido, ou um sem razão, apenas sentir.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- LORDE, A. *Sou sua irmã*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- RIVERA CUSICANQUI, S. *Sociología de la Imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.
- VELARDI, M. Questionamentos e propostas sobre corpos de emergência: reflexões sobre investigação artística radicalmente qualitativa. *Revista Moringa – Artes do Espetáculo*, João Pessoa, UFPB, v. 9, n. 1, p. 43-54, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/moringa/article/view/40646>. Acesso em: 10 abr. 2024.

